



GT 021. Antropologia e tecnociência: teorias, métodos e perspectivas

Fabiola Rohden (UFRGS) - Coordenador/a, Marko Synésio Alves Monteiro (UNICAMP) - Coordenador/a, Jane Araújo Russo (IMS-UERJ) - Debatedor/a, Fabrício Monteiro Neves (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Guilherme José da Silva e Sá (Departamento de Antropologia - UnB) - Debatedor/a)

O objetivo deste GT ? promover a discuss?o sobre as interfaces entre ci?ncia, tecnologia, sociedade e poder, a partir da produ??o antropol?gica contempor?nea. Dessa forma, busca ampliar o espa?o de discuss?o do campo da Antropologia da Ci?ncia e da Tecnologia, tanto no sentido de consolidar debates em andamento quanto na inten??o de refletir sobre as perspectivas dessas investiga?es para o futuro. Temas como biossocialidades, biomedicaliza??o, pr?ticas de produ??o de conhecimento em laborat?rios e as interfaces entre conhecimentos cient?ficos e n?o cient?ficos t?m sido muito investigados em anos recentes. Ao lado desses temas, quest?es como as rela?es entre humanos-n?o humanos (dentro e fora de institui?es cient?ficas), redes de produ??o de ci?ncia e tecnologia e as intera?es entre "n?s" e cosmologias n?o ocidentais v?m dando cada vez mais densidade ? reflex?o antropol?gica. Ao lado da renova??o dos temas de pesquisa, antrop?logos/as envolvidos com a tecnoci?ncia v?m tamb?m ajudando a reconstruir teorias. Seja na cr?tica da Teoria Ator-Rede, ou no efervescente campo dos Estudos Sociais da Ci?ncia e da Tecnologia, temas como associa?es, performactivity e pol?ticas ontol?gicas v?m ganhando terreno na an?lise social, com forte participa??o de antrop?logos/as e do m?todo etnogr?fico. O GT buscar? reunir trabalhos que ajudem a construir uma reflex?o sobre o papel que a Antropologia vem tendo nesse cen?rio de reflex?es.

Experimentos e muta?es: a politiza?o da vida atr?vés do aconselhamento gen?tico

Autoria: Bruno Lucas Saliba de Paula

Cada vez mais comum no Brasil, o aconselhamento gen?tico (AG) pretende medir a probabilidade de que indiv?duos sejam acometidos por enfermidades gen?ticas. Uma vez detectado esse risco, os pacientes s?o aconselhados, de forma imparcial e ?n?o diretiva?, por uma equipe de especialistas de v?rias ?reas. Com base nas informa?es assim obtidas, cada sujeito tomar?o, livremente, as provid?ncias que julgar necess?rias: ajustar sua dieta, praticar exerc?cios f?sicos, ter ou n?o filhos, etc. Diante disso, nos propomos a abordar algumas quest?es: em que medida a autovigil?ncia e o cuidado individual com a sa?de conseq?entes do AG aproximam-se da subjetividade e das formas de controle social t?picas da governamentalidade neoliberal, tal como pensada por Foucault? Se prefere n?o dar ? luz um beb? possivelmente afetado por alguma irregularidade gen?tica, estaria um casal perseguindo e sustentando tipos biol?gicos humanos tidos como normais e melhores? Estariam as informa?es obtidas atr?vés do AG relacionadas a modos de subjetiva?o e de sociabilidade espec?ficos, praticados por cidad?os-pacientes respons?veis e engajados em coletivos de ?biossociabilidade?? Buscamos responder essas quest?es a partir do repert?rio te?rico-conceitual dos Estudos Sociais da Ci?ncia e Tecnologia. Interessa-nos identificar como estado, empresas, cientistas e indiv?duos envolvidos com o AG tratam de temas como a implementa?o de pol?ticas p?blicas relacionadas a gen?tica cl?nica, os debates ?ticos em torno do AG e as controv?rsias acerca dos avan?os da medicina gen?mica. A medicina gen?mica e o AG se desenvolvem num contexto de redu?o dos encargos estatais, em que institui?es privadas e indiv?duos devem perseguir o bem-estar e a sa?de. Cada um busca investir, volunt?ria e individualmente, em seu ?capital humano? e ?gen?tico? atr?vés de cuidados com o corpo e com



a saúde, numa série de práticas de autovigilância e de controle dos riscos. Portanto, com essa crescente responsabilização de cada sujeito, poderia estar a surgir um novo tipo de eugenia, desta vez mais individualizada. A diferença é que o AG seria praticado por indivíduos autônomos em busca da minimização dos riscos que podem acometê-los, enquanto as políticas eugênicas eram grandes empreendimentos estatais, de cunho coercitivo. Por outro lado, essa mesma dinâmica neoliberal parece favorecer o surgimento de movimentos de contra-subjetivação, de cidadãos-pacientes que engendram importantes redes ?expertise leiga? e de participação política. Seria o caso das associações de portadores de doenças raras, que experimentam um novo tipo de ativismo ao lutar por recursos destinados ao tratamento de suas doenças, auxiliar médicos e cientistas em suas pesquisas, compartilhar de forma horizontal informações sobre suas enfermidades.



Realização:



Apoio:



Organização:

